



Uma Concertação pela Amazônia

Retratos temáticos – Sociedade e Cultura

INTRODUÇÃO

O Eixo de Sociedade e Cultura buscou lidar com a complexidade que é pensar na Amazônia Legal sem desvincular as pessoas do espaço e do tempo.

Quem são os 24,5 milhões de pessoas que não são indígenas dos 25 milhões de habitantes desse território?

As pessoas que chegaram e vivem nesse espaço trouxeram e apresentam muitas referências, resquícios e influências de fatos e acontecimentos do passado, que persistem em suas memórias e modos de vida, moldando seus espaços e suas relações. Esse tríptico indissociável (tempo/espaço/pessoas) contribui para o processo de formação da(s) identidade(s) desses (nós) povos. A memória está nos povos tradicionais, mas está também nos que (i)migraram do Nordeste para trabalhar e fugir da seca, e do Sul, para produzir em novas terras. (I)migrantes esses que há três gerações ocupam a Amazônia, e tiveram/têm que lidar com preconceitos, estereótipos e imagens que por muito tempo perduram sobre os povos tradicionais e sobre eles mesmos, para construir uma sociedade.

Hoje, todos são amazônidas.

ESCOPO E OBJETIVOS DO ESTUDO/PESQUISA

Entender que o espaço é dinâmico e que nele coexistem características e relações tanto do passado quanto do presente é fundamental para a absorção de um território tão dinâmico como esse.

Para isso, antes de qualificar essas pessoas e suas vidas em sociedade, um sobrevoo traz dados não estáticos, mas sempre que possível a partir de séries temporais que mostram não somente o retrato atual, mas sua evolução nos últimos anos.

Para apresentar cada um dos grupos que compõem o tecido social amazônico: Povos Indígenas, Quilombolas, Extrativistas, Ribeirinhos e demais povos tradicionais, Assentados, Grandes Proprietários, Madeiros, Garimpeiros e Urbanos, as análises iluminaram as seguintes temáticas: Os **modos de vida, vulnerabilidade, insegurança territorial, dematamento e a ilegalidade**, têm uma linha transversal consequente desses e outros aspectos da dinâmica social local.

Por fim emergem reflexões embrionárias sobre as sobreposições, relações e transversalidades, e uma proposta de recorte representativo que possibilite um mergulho mais profundo nessa imensidão física e cultural que é a Amazônia Legal.



METODOLOGIA

Os expedientes metodológicos eleitos para esse exercício são o levantamento de artigos científicos sobre a região e seus atores, o uso crítico das artes, em especial a literatura (romances, novelas, contos, poesias), as artes audiovisuais (pinturas, gravuras, documentários, filmes); e os dados demográficos a respeito da Amazônia Legal.

A caracterização geral da população foi realizada a partir de dados censitários disponibilizados em séries históricas pelo IBGE para os anos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Os dados do universo da população residente foram desagregados em duas escalas: Brasil e estados.

De forma a obter maior precisão na composição de um retrato atual da população foram também utilizadas as estimativas populacionais dos estados e municípios produzida para o ano de 2019 também pelo IBGE.

Para a escala do estado, com o objetivo de entender a evolução da construção das identidades, também foram coletados dados censitários relativos à cor, sexo e idade.

Com o objetivo de qualificar as origens da composição do tecido social também foram utilizados dados censitários relativos à amostra, também produzidos pelo IBGE. Esses dados representam cerca de 10% da população do território e produzem evidências válidas sobre as origens dos fluxos populacionais que, em 2010, co-existiam no território da Amazônia Legal.

ABORDAGEM TERRITORIAL

A análise foi composta por múltiplas escalas. Os dados para caracterização estão apresentados para toda a região da Amazônia Legal. A medida que a apresentação dos grupos foi sendo realizada foram feitas idas e vindas em diferentes escalas, estaduais e municipais para ressaltar as principais tendências e evoluções desses grupos nos espaços e no tempo.



PRINCIPAIS RESULTADOS

O intensivo mergulho no território e a identificação dos grupos sociais que compõem o tecido social da Amazônia Legal conduzem à constatação de que se trata de um **ambiente complexo** que, desde os anos 1960, segue **extremamente dinâmico** no que diz respeito à diferenciação social, à ramificação econômica e à diversificação cultural. Aceitar essa complexidade é o primeiro passo para lidar com ela, fugindo de apresentações simplistas que, ao cabo, são inoperantes.

Nada na Amazônia é singular. Não existe uma Amazônia, mas Amazônias, não existe um amazônida, mas amazônidas, e, não existe uma cultura, mas culturas amazônicas/amazônidas. Reconstruir descritivamente um pouco dessa complexidade, do ponto de vista socioeconômico, foi a tarefa desenvolvida até aqui. Essa reconstrução se fez necessária para apresentar a região de forma integrada e dinâmica, revelando camadas sobrepostas, físicas e sensíveis, que não podem ser ignoradas e tão pouco segregadas. Algumas pistas foram identificadas anteriormente, vale a pena explicitá-las.

Em primeiro lugar, os sentidos e rotas dos deslocamentos até o começo do século XX se alteram em meados desse século XX e ao longo do século XXI. Depois da Segunda Guerra Mundial, **fluxos internacionais** oriundos da Europa, dos países africanos, do Japão e de países do Oriente Médio cessaram. Os **fluxos inter-regionais e intra-regionais** se intensificaram. Os nortistas e nordestinos formaram maioria no Acre, no Amazonas, em Rondônia e no Amapá. Os sulistas e centro-oesteiros se enraizaram na Amazônia central ao longo do arco do desmatamento. Nos anos 2000, as grandes obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal voltaram a mobilizar grupos em direção à floresta. Em 2015 a posição de fronteira da Amazônia brasileira favoreceu o ingresso de pessoas da América Central. Motivados pela situação de instabilidade política e econômica, haitianos e, mais recentemente, venezuelanos, cruzaram as fronteiras de seus países e se instalaram nos centros urbanos de Brasileira (AC), Pacaraima (RR), Boa Vista (RR), Manaus (AM) e muitos outros. Em 2020 a Amazônia Legal segue alvo de disputas entre povos tradicionais, assentados, pecuaristas, migrantes e empresários que lá resistem ou para lá se deslocam em busca de terra, recursos naturais, minério, madeira e empregos.



PRINCIPAIS RESULTADOS

Em segundo lugar, as **atividades socioeconômicas** adquirem sentidos materiais e simbólicos diferenciados de acordo com os grupos sociais identificados, seja no tocante aos diferentes ramos econômicos, seja aos diferentes estratos e grupos sociais. **O tamanho acúmulo de fluxos e rotas de pessoas, somado à existência de povos originários e de atividades socioeconômicas diversas, produziu ao longo dos séculos modos muito peculiares de ser e viver nas Amazônias.**

Outro ponto importante é relativo ao território da Amazônia Legal. A imagem de **floresta virgem** em destruição, povoada por povos primitivos impregnada no imaginário e em discursos hegemônicos deve ser contextualizada. Na Amazônia Legal existem áreas de floresta, existem áreas onde não existe mais floresta, mas existem também áreas onde a floresta nunca existiu. E sobre esses espaços, preservados, protegidos ou convertidos, vivem e trabalham pessoas que constroem diferentes relações.



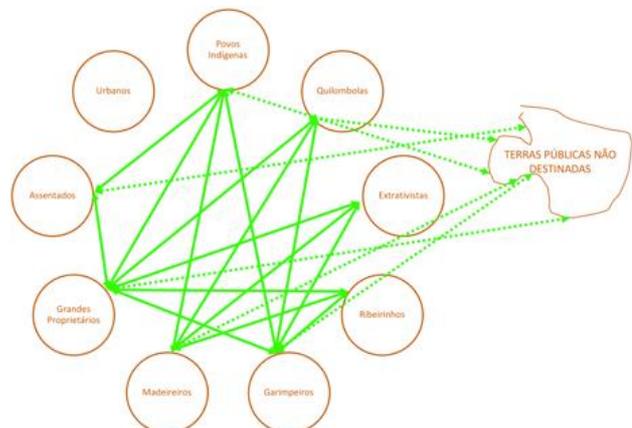
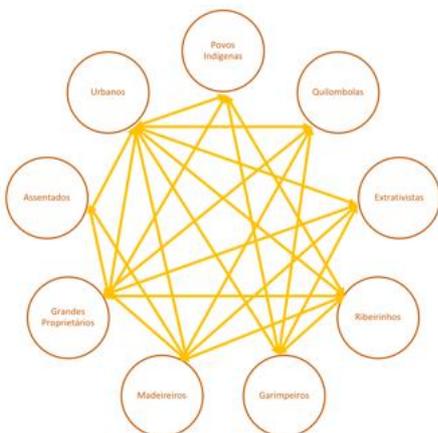
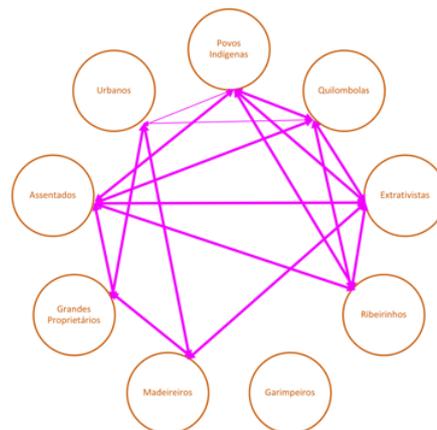
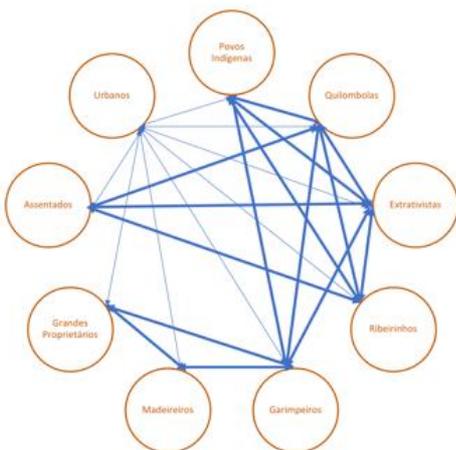
Os povos indígenas que povoam o imaginário junto com as florestas, representam hoje apenas 2% da população. Suas manifestações culturais, cosmologias, línguas, organizações sociais, formas de habitação e alimentação, são específicas e reivindicadas como partes de suas identidades. Essas experiências e conhecimentos não impedem aos povos indígenas, como qualquer outro grupamento social, a permanente reatualização destes padrões culturais.

Neste sentido, embora mantendo suas fronteiras étnicas, podem adquirir outros hábitos, costumes, conhecimentos e técnicas. As imagens muito difundidas dos povos indígenas representados de forma similar às narrativas de séculos passados foram e são um dos principais traços da perspectiva colonial fortemente enraizada em nossa sociedade e esquemas de pensamento. Os que hoje reivindicam a descendência dos povos autóctones são cidadãos brasileiros contemporâneos à sociedade nacional.



PRINCIPAIS RESULTADOS

Toda essa multiplicidade de modos de vida coexiste nem sempre de maneira acordada, em alguns casos esses personagens cumprem mais de um papel. A Amazônia Legal é o palco e/ou cenário de **fluxos de bens, serviços, trabalho e pessoas, de conflitos e de modos de vida**, que se disputam influenciam e se sobrepõem no tempo e no espaço, pelas pessoas.

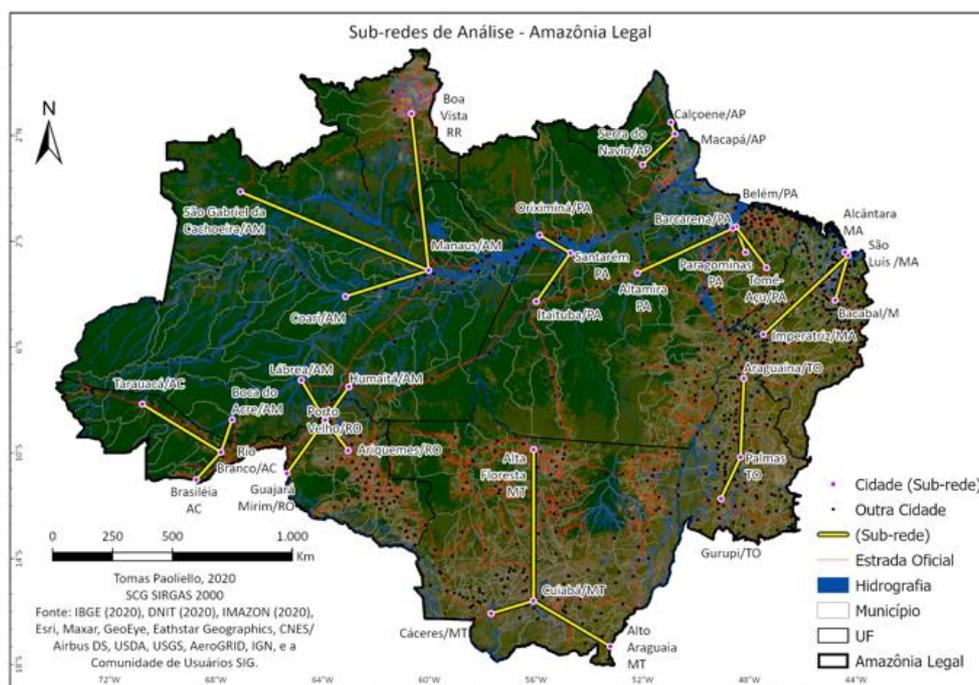




A partir de agora é possível propor um recorte, consciente de que esse seja representativo da complexidade que o tema exige, mergulhar em rios e caminhos que levem em direção do reconhecimento da diversidade cultural.

Como a Amazônia deve ser entendida de forma **plural**, propõe-se que os “seres amazônicos” sejam compreendidos a partir de redes dinâmicas de municípios construídas de forma a expressar a maior diversidade possível.

Tendo como pressupostos os critérios de: i) posição geográfica; ii) presença da floresta Amazônica; iii) existência de população tradicional; iv) origem e natureza dos deslocamentos humanos, e; v) concentração de fluxo de serviços; propõe-se, para a fase 2, a caracterização cultural de 9 sub-redes:



- Sub-rede Manaus-Boa Vista-Coari-São Gabriel da Cachoeira
- Sub-rede Santarém-Oriximiná-Itaituba
- Sub-rede Belém-Barcarena-Paragominas-Tomé Açu- Altamira
- Sub-rede Macapá- Serra do Navio-Calçoene
- Sub-rede São Luís-Imperatriz- Alcântara- Bacabal
- Sub-rede Palmas-Araguaína-Gurupi
- Sub-rede Rio Branco- Brasiléia-Tarauacá-Boca do Acre
- Sub-rede Porto Velho-Lábrea-Humaitá-Guajará Mirim-Ariquemes
- Sub-rede Cuiabá- Cáceres-Alta Floresta-Alto Araguaia